

A PANDEMIA E A “NOVA NORMALIDADE”: CINISMOS CONTEMPORÂNEOS?

PANDEMIA AND THE “NEW NORMALITY”: CONTEMPORARY CINISMS?

Liciane da Silva Costa Dresch¹
Diogo Rocha Preto²
Laura Rego³
Tanisa Brito Lanzarini⁴
Luciana Araujo Vieira⁵
Cristianne Maria Famer Rocha⁶

resumo

A pandemia causada pelo novo coronavírus, que nos aflige desde o início de 2020, tem gerado instigantes possibilidades para se analisar o mundo em que vivemos, sob diferentes aspectos. Nesse artigo, objetiva-se refletir sobre algumas das estratégias que vem sendo utilizadas, de forma coletiva ou individual, para fortalecer um modo de ser de um cinismo contemporâneo a partir de discursos circulantes, tais como o distanciamento social, a crise econômica, o trabalho

1 Enfermeira. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Metodista IPA/RS. Doutoranda junto ao PPGENF/UFRGS. Integrante do GEPS/UFRGS. Email: licisc@yahoo.com.br

2 Enfermeiro na Atenção Básica. Prefeitura Municipal de Gravataí/RS, Especialista em Saúde Pública e Especialista em Gestão na Saúde, Mestre em Ensino na Saúde. Integrante do GEPS/UFRGS. Email: diogorpreto@gmail.com

3 Graduada em Ciências Sociais/UFRGS, Integrante do GEPS/UFRGS. Email: laurarego18rs@gmail.com

4 Mestre em Biologia Celular e Molecular aplicada à Saúde, Professora do Curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Integrante do GEPS/UFRGS. Email: tanisalanzarini@gmail.com

5 Enfermeira, Integrante do GEPS/UFRGS. Email: luajvieira@gmail.com

6 Professora Associada da Escola de Enfermagem/UFRGS, Líder do GEPS/UFRGS. Email: cristianne.rocha@ufrgs.br

precário e a ordem econômico-social vigente, sob a ótica do “novo” normal. As reflexões trazidas ao longo do texto nos permitem concluir que é fundamental reconhecer o quanto a pandemia ocasionada pela Covid-19 - e sua estratégia para contê-la - evidenciaram as desigualdades econômicas e nossos permanentes problemas de saúde pública, no mundo e, principalmente, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Coronavírus; Desigualdade Social; Cinismo; Brasil.

abstract

The pandemic caused by the new coronavirus, that has plagued us all since the beginning of 2020, has generated exciting possibilities to analyze the world in which we live, under different aspects. In this article, the objective aims to reflect on some of the strategies that have been used, collectively or individually, to strengthen a contemporary cynicism way of being based on circulating discourses, such as social distance, the economic crisis, work precarious and the current economic and social order, from the perspective of the “new” normal. The reflections brought throughout the text allow us to conclude that it is fundamental to recognize how much the pandemic caused by Covid-19 - and its strategy to contain it - highlighted the economic inequalities and our permanent public health problems, in the world and, mainly, in Brazil.

KEYWORDS: Pandemic; Coronavirus; Social inequality; Cynicism; Brazil

introdução

Os anos de 2020 e 2021, para o Brasil e o mundo, ficarão marcados, talvez, pelo início de um novo ciclo e, com ele, um convite para pensarmos acerca de nossas atuais formas de existência. A pandemia causada pelo SARS-CoV-2 - o coronavírus da Covid-19 (a doença que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves) (BRASIL, 2020) -, desde os primeiros casos confirmados em Wuham, na China, nos obrigou a utilizar diferentes estratégias para achatar a curva e diminuir o número de infecções pelo vírus e, assim reduzir o número de casos graves e, a necessidade de internações em leitos de terapia intensiva e, assim, não sobrecarregar e desestabilizar os sistemas de saúde, já fragilizados em várias partes do mundo (ANTUNES et al., 2020; LIMA et al., 2020).

Como forma de desaceleração e redução da infecção (e, da indesejável mortalidade), algumas das estratégias implementadas por diversos países - e pelo Brasil - foram a suspensão de eventos em massa (possíveis aglomerações) e a proibição - em situações mais drásticas - das

peças circularem nas ruas. Estas estratégias de distanciamento social, porém, tem evidenciado, especialmente nas sociedades com grandes disparidades econômicas e socioculturais, como a brasileira, enormes desafios quanto à desinformação, à dificuldade de manter o distanciamento social e ao aumento da miséria pelo desemprego e falta de recursos (SOUSA et al, 2020).

Se, por um lado, o distanciamento social parece ser crucial para o enfrentamento da pandemia, por outro, é preciso refletir sobre as condições e consequências desiguais que tais estratégias provocam no cotidiano das pessoas. No Brasil, em particular, vivemos, em função de afirmações e manifestações de muitos governantes (incluindo o atual Presidente da República), um embate e um combate - a respeito da doença, suas formas de transmissão, regras de distanciamento social, necessidade ou obrigatoriedade do uso de máscaras ou álcool gel, importância da vacina, entre outros temas - que causam turbulências no cenário já caótico da pandemia, como podemos ver, a seguir:

Vou conversar hoje com o Ministério da Saúde. No meu entendimento, que não sou médico, mas no entendimento de muitos médicos do Brasil, e outras entidades de outros países, entende que a cloroquina pode e deve ser usada desde o início. Apesar de sabermos que não tem uma confirmação científica de sua eficácia, mas como estamos em uma emergência, enquanto não tivermos algo comprovado no mundo, temos esse no Brasil. Aqui pode dar certo e pode não dar certo. Mas como a pessoas não podem esperar quase cinco dias para decidir, a morte pode vir, é melhor usar. Todos os ministros, eu já sei qual é a pergunta, têm que estar afinado comigo. Todos os ministros, eu quero eficácia na ponta. Nesse caso, não é gostar ou não do ministro Teich. É o que está acontecendo, disse. (G1, 2020).

A segunda declaração, referente à utilização da cloroquina para o tratamento da Covid-19, foi dada dois dias antes do então Ministro da Saúde, Nelson Teich, deixar o cargo, em função de divergências (nem tão explícitas) na condução do enfrentamento da epidemia, como a flexibilização das medidas de distanciamento social e o uso indiscriminado da cloroquina, mesmo sem evidências científicas suficientes.

Diante de um cenário tão caótico e de tantas informações contraditórias, parece-nos quase impossível determinar regras gerais, em um país tão diverso e extenso quanto o Brasil. Ainda mais se considerarmos a imensa distância que separa aqueles que tem alguma proteção econômica ou social e as milhares de pessoas que não tem absolutamente onde ou a quem recorrer diante de uma catástrofe sanitária socioeconômica como a que estamos vivendo. Salientamos, porém, que nossa intenção não é criticar as medidas que deve(ria)m ser adotadas pelo país como um todo para evitar um maior número de contaminações e adoecimentos. Mas, alertar para as alarmantes desigualdades econômicas e sociais que ficaram evidentes a partir desse cenário atual, o que pode indicar estarmos vivendo sob a égide de um “espetáculo de cinismo” que, de acordo com Castiel, Xavier e Moraes (2016), é estrutural e estruturante e está nas instituições, na política, no direito, na educação e na saúde. Está no “fique em casa”, mas desconsidera ou

“esquece” de pensar em estratégias para que os menos abastados economicamente consigam efetivamente ficar em casa e fazer o distanciamento com segurança, sem fome, sem frio, com acesso universal e equânime à educação e à saúde, por exemplo.

Para Castiel et al. (2016), o cinismo se caracteriza sobretudo pela negação da dignidade, com a intenção explícita - do cínico - de realizar seus próprios interesses em detrimento do(s) outro(s). Definido modernamente como desfaçatez, descaramento ou como “atitude ou modo de agir de quem não se incomoda em mentir ou zombar de algo ou alguém” (CASTIEL et al, 2016, p.50), os autores indicam que “[...] parece uma conformação natural do nosso tempo e lugar, um modo de ser urbano que se auto justifica pela ‘necessidade de sobrevivência’ ou por desvios de hiperindividualismo resultante das economias globais contemporâneas e sua produção incessante de novos desejos a cada dia” (CASTIEL et al, 2016, p.81).

No contexto da pandemia da Covid-19, nossa intenção aqui é refletir sobre algumas das estratégias que vem sendo utilizadas, de forma coletiva ou individual, para fortalecer um modo de ser de um “cinismo precário”, impessoal, degenerado, mesquinho, não ilustrado, comum e ordinário, em que os fins justificam os meios. Ou, como define Navia (2009), medíocre, vulgar, cego e oportunista. Alguém que cria os próprios deuses (ou discursos, ou verdades, ou crenças) para si mesmo e termina por submeter-se inteiramente a estas “quimeras” que inventa, sem sequer reconhecer “a própria invenção como invenção” (CASTIEL et al., 2016, p.81).

Para analisar algumas das atitudes cínicas da atualidade pandêmica, lançaremos mão da análise de discursos circulantes, tais como aqueles utilizados para se referirem ao distanciamento social, à crise econômica, ao trabalho precário e à ordem econômico-social vigente, sob a ótica do novo normal.

UM NOVO TEMPO: DISCURSOS CÍNICOS SOBRE O DISTANCIAMENTO SOCIAL E A “NOVA NORMALIDADE”

O distanciamento social tornou-se regra máxima para a preservação da vida, a partir da reinvenção de um novo modo de ser e estar no mundo. A “nova normalidade”, pautada em uma resenha de vida introspectiva, mantida por hábitos de bem estar, autoconhecimento e cultura, define este “novo” cidadão do século XXI que deseja sobreviver ao mortal vírus. Segundo Castiel (2020, p. 1), vivemos um “desolamento social provocado pelos esforços de controle e atenção à saúde dos afetados, [bem como um] patético quadro político, sobretudo no que se refere ao complexo contexto político atual e às dificuldades econômicas do país”.

Em casa, conectados ao mundo através de redes sociais, desenhamos um “novo estilo de vida”: nos entretemos através de lives, enquanto as câmeras dos smartphones aproximam afetos territorialmente (não muito) distantes. Desejamos um mundo melhor, pleno de solidariedade

planetária e aplaudimos profissionais da saúde, enquanto escrevemos e lemos posts em redes sociais sobre paz e união. Há como render-se a uma normalidade saudável em meio a uma sociedade que está ruindo? Seria possível criarmos ou adotarmos um catálogo gourmet de boas práticas de (sobre)vivência enquanto o caos se instala?

A maioria da população – sobretudo a brasileira - expõe-se ao vírus a partir de um elemento essencial: a necessária sobrevivência econômica. Os efeitos sociais da pandemia de Covid-19 visibilizaram o crescimento das desigualdades sociais devido ao aumento do desemprego, em especial, dos trabalhadores precários “dependentes” ou “independentes” (em suas mais variadas formas: período experimental, a termo, trabalho temporário, recibos verdes, de plataformas eletrônicas, autônomos e intermitentes, etc.), da economia formal e da informal. Contradições e complexidades à parte, a maioria dos “trabalhadores”, por razões que não teremos como detalhar aqui, não estão tendo acesso aos subsídios de desemprego, por exemplo, por ausência de uma relação laboral formal anterior ou por não terem o número de dias de contribuições suficientes para cumprirem o período de garantia do regime de segurança social vigente.

Diariamente, a saúde mental destes indivíduos é colocada à prova, uma vez que a sensação de medo está atrelada à rápida progressão da epidemia e ao excesso de informações disponíveis, por vezes contraditórias. Trata-se de um fértil campo para mudanças comportamentais impulsionadoras de adoecimento psicológico (QIAN et al., 2020; LIMA et al., 2020). Pode-se dizer que, junto à pandemia do novo coronavírus, surge um estado de pânico social global e a sensação de isolamento desperta angústia, insegurança, medos que podem se prolongar até mesmo após o controle do vírus (HOSSAIN, SULTANA e PUROHIT, 2020).

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que a pandemia chegou ao Brasil em um momento de dificuldade no plano econômico e político. As políticas de seguridade social são um indicador importante nesse sentido. A partir da aprovação, em 2016, da Emenda Constitucional 95, conhecida como Emenda do Teto de Gastos, um novo regime fiscal foi instituído, tornando constitucional a política econômica de (draconiana) austeridade. Essa medida é avaliada pela Organização das Nações Unidas como a medida econômica mais drástica do mundo contra direitos sociais (ONU, 2016). Tal situação contribui para o aumento das inerentes dificuldades, ou, até mesmo, para a impossibilidade de realização do distanciamento social por grande parte da população que não tem outro meio de vida, a não ser a partir do próprio e cotidiano trabalho realizado. Ao mesmo tempo, os determinantes socioeconômicos do processo de saúde-doença atravessam as condições materiais dessa camada da população, o que contribui, também, para a dificuldade no cumprimento das recomendações sanitárias durante a pandemia.

Resta, então, refletirmos sobre as condições de vida às quais estamos expostos (ou podemos ter) nesse momento atual, pois é preciso que tenhamos coragem para entender que não há espaço para a ilusão de um mundo justo e solidário enquanto apenas uma pequena parcela

da população consegue ter condições mínimas (e, se possível, dignas) de sobrevivência, mantendo o necessário distanciamento social. Naquelas situações em que cada um depende exclusivamente de si (e que, pelo que temos visto, são muitas), a pandemia nos possibilita ver e sentir as características mais vis do mundo atual: individual, cínico e necropolítico⁷. Luis da Rocha Seixas (2020) aponta que tal cenário possibilitou desvelar o neoliberalismo vigente, o colocando em holofote: instituições ligadas a saúde pública e higiene estão debilitadas, e o desmonte do estado de bem-estar social promove uma força letal que ataca o corpo social e enfraquece as bases democráticas no Brasil e no mundo.

Neste contexto, além de afastar as pessoas do convívio social, a pandemia potencializou a distância preexistente entre aqueles mais vulneráveis e os que vivem apesar do trabalho (ou da falta dele), agravando as condicionantes sociais de saúde, trazendo mais sofrimento psíquico e tornando-os mais suscetíveis a doenças.

Há, assim, a necessidade de refletirmos sobre qual normalidade estamos falando. Ao passo que o mundo virtual e televisivo nos reporta a esta vivência quase espiritual "de si com o mundo", a realidade das ruas reflete cenas duras, pautadas na sobrevivência daqueles que não foram afortunados pela meritocracia deste indivíduo evoluído, desenvolvido, capaz de tomar as melhores decisões em prol de si próprio. Talvez a mais importante verdade que o novo coronavírus esteja nos dizendo é o quanto o mundo é, de fato, desigual, individualista, competitivo. O mito (cínico) da cooperação e da solidariedade do mundo virtual poderá ser visto e vivido por quem se permita refletir para além das telas, onde as relações abusivas de trabalho e a economia a serviço da vida não cabem nas lives.

O cinismo no discurso de muitos, ora involuntário de tão frequente e impensado, ora proposital e forçado, como mecanismo de sobrevivência, tornou-se parte da rotina e das vivências em comunidade. A mecanização dos comportamentos serve de maquiagem moral para os olhos de condenação alheios e também para os nossos, constantemente curtindo e publicando (em *likes*) notas de aprovação, na ânsia de transparecer que, dentro da normalidade, está tudo bem, dando a pensar que vivemos em uma situação de plenitude e tranquilidade, para não nos expormos e mostrarmos o que de fato nos atravessa e acomete diariamente.

As certezas e evidências modernas, não necessariamente verossímeis, foram sendo questionadas e desconstruídas, talvez em função de nossa incapacidade de dar respostas aos imensos abismos

7 Achille Mbembe (2018) formulou o conceito de necropolítica: o poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer, em contraposição ao conceito de biopolítica (estratégias políticas que visam a população, com a intenção de promover a vida), de Michel Foucault (2008). As características da necropolítica podem ser resumidas em: fragmentação territorial (proibir acessos, impossibilitar qualquer movimento e implementar segregações à moda do Estado de apartheid), soberania vertical (ação de governar de forma centralizada, com a implementação de inúmeras estratégias de vigilância) e terra arrasada (em que são utilizadas técnicas para sabotagem de toda a infraestrutura social e urbana e a apropriação dos recursos de terra, água e espaço aéreo).

criados/vividos em um mundo de tantas contradições. Diante de uma pandemia como a que estamos vivendo, mais complexas e difíceis parecem ser as respostas aos dilemas atuais.

O CINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A CONVERGÊNCIA DAS CRISES

Em um mundo interconectado, nenhum de nós está seguro até que todos estejamos seguros⁸. (ONU, 2020)

A crise sanitária decorrente da pandemia pelo Coronavírus tornou visíveis e dizíveis uma série de problemas estruturais existentes em todos os nichos sociais. No cenário brasileiro, um dos dez países com maior desigualdade no mundo, é preciso considerar que a crise atual apenas evidencia uma realidade muitas vezes omitida (ou escondida) - de forma cínica - em discursos políticos, mas também técnico-científicos, que enaltecem as “melhorias progressivas” que vivemos, seja pela nossa capacidade de superação coletiva quanto individual.

O que vemos com a chegada desta pandemia é uma grande convergência de crises. Não apenas em países com maiores dificuldades econômicas, mas também naqueles países com instituições e condições mais robustas (sociais, políticas, econômicas, culturais, etc). Ao que parece, nenhum sistema de saúde estava preparado para lidar com tamanho desastre sanitário, pois os austeros ajustes econômicos (empregados nas últimas décadas em diversos países, não só o Brasil) tem provocado numerosas crises de tamanho e impacto severos e até irreversíveis. Fato é que a pandemia potencializou e afetou, de maneira mais profunda ainda, parcelas da população mais vulneráveis e os necessários deslocamentos produzidos, para o sustento do sistema capitalista e a busca incessante do mercado por lucros, resultam em colapsos sociais complexos que, com o tempo, tornam-se crises cíclicas e crônicas, ideais para a retroalimentação do acúmulo *capital* e perpetuação (e aprofundamento) da condição de vulnerabilidade destas parcelas específicas da sociedade.

O que ocorre agora, assim como em outros momentos nos quais o *capitalismo* precisou também se reinventar, é que a exploração excessiva e concomitante de camadas sociais vulnerabilizadas, juntamente com a crescente desvalorização da classe trabalhadora, o aumento da desigualdade de renda, o aumento expressivo do desemprego, da população carcerária e dos sem-tetos, a excessiva extração de recursos naturais, extinção de espécies terrestres e aquáticas (SASSEN, 2016), resultou no esgotamento tanto de vidas quanto de reservas naturais. A exploração brutal e complexa da economia global mais cedo ou mais tarde nos levaria a uma série de colapsos: econômicos, ambientais e sanitários, como a pandemia nos dias de hoje.

8 Em tradução livre do original (“In an interconnected world, none of us is safe until all of us are safe”), proferida por António Guterres, Secretário-Geral da ONU, em discurso sobre a pandemia do Coronavírus.

A pandemia poderia ter sido evitada se as recomendações de distanciamento social e quarentena tivessem sido respeitadas, porém, em países com diferenças de renda tão altas, relações empregatícias precárias, incentivo ao consumo desenfreado, individualidade cunhada pelo modelo de vida liberal super produtivo, aliado às práticas governamentais perversas de total descaso em manter uma renda mínima para aqueles que, mesmo antes da pandemia, sofriam com as consequências do sistema econômico vigente e as inequidades sociais., Tais condições se configuraram no cenário perfeito para a proliferação do vírus e as necessárias regras para se evitar o contágio passaram a ser vistas como ações impossíveis, diante de uma sociedade tão desigual. Ao mesmo tempo, analisando atentamente o número de indivíduos expostos ao risco, pode-se concluir que teríamos, enquanto sociedade, condições de amenizar ou evitar a disseminação do vírus, desde que tivéssemos agido de forma colaborativa e solidária, entre os diversos países e, internamente, em cada país.

Na economia, a financeirização transformou a produção de bens em complexas operações para criação e manutenção de endividamentos, esgotando nossa capacidade produtiva e redistributiva (SASSEN, 2016). Na sociedade, por sua vez, a desigualdade existente não permite uma equitativa distribuição das riquezas produzidas, gerando diversos tipos de segregação possíveis:

O poder da formação de preços, que permite a obtenção de lucros extraordinários, bem como o dirigismo tecnológico e o padrão de emprego flexível, gerador de uma classe trabalhadora de precariado, ocorre concomitantemente à monopolização global da produção. (POCHMANN, 2015, p. 59)

Os pilares do *capitalismo* neoliberal - concentração de riquezas e exploração máxima da produção de bens- vem sendo utilizados de maneira estratégica no intuito de retroalimentar o sistema. Ao mesmo tempo, a ganância de alguns não permite visualizar o iminente desastre.

Nesse sentido, a pandemia, de certa forma, explicitou como a racionalidade neoliberal pode desencadear formas perversas de lidar com situações críticas como a que vivemos hoje, que se perpetuam *ad nauseam*, dando-nos a sensação de que a desigualdade é normal – e, no limite, desejável - enquanto o sistema se reinventa. até as próximas crises aparecerem.

O CONFLITO DAS NORMALIDADES E O CINISMO NA PANDEMIA

A pandemia não só expôs bruscamente uma sociedade permeada de cinismos, como também serviu de catalizadora para uma “nova normalidade”. Se antes não podíamos deixar transparecer insatisfações e derrotas pessoais, mascarando-as com méritos e discursos parciais, com a pandemia há de se adicionar a carga do anúncio diário e atualizado de mortes, diretamente atreladas à falta de empatia. Como sustentar um discurso que mata? É necessário ressaltar que já fazíamos isso, porém de forma velada e sem culpa, já que as mortes não apareciam pontualmente

todos os dias, transmitidas e computadas por ciosos meios e redes de comunicação.

Neste momento, há dentro de cada indivíduo uma colisão de normalidades, um sentimento estranho de receio do ócio, de culpa pela não produtividade, de sofrimento, de medo. Medo de ir trabalhar e ser contaminado no ônibus, medo de nunca mais poder viajar com os amigos, medo de não conseguir sustentar as contas no final do mês (pois o auxílio emergencial foi negado), medo de parar de lucrar porque uma “gripezinha”⁹ está mantendo o “CPF[¹⁰] em casa” e, sem o CPF, o CNPJ¹¹ morre¹².

A “nova normalidade”, advinda desses tempos, gera uma reflexão acerca do modo de vida das pessoas no mundo contemporâneo e o impacto causado pela crise da Covid-19, com especial ênfase ao fato de as pessoas necessitarem ficar afastadas umas das outras.

Em relação ao ensino a distância, por exemplo, nesse contexto de crise, muitas mudanças precisaram ser implementadas. Essa situação expôs diversas questões sensíveis, desnudando a fragilidade de perspectivas desejadas como “normais”. Se, por um lado, cremos que seja possível substituir nossas presenças, em salas de aula, por virtualidades, parece que muitos esquecem as dificuldades relativas ao acesso à internet ou aos necessários equipamentos para viabilizar tal conexão, particularmente na realidade brasileira.

Assim, a “nova normalidade”, em um mundo desigual, será muito mais próxima do cinismo e da desfaçatez, já que as condições de acesso diferem muito entre nós. Afinal, alguns poderão participar normalmente das aulas on-line numa situação de grande conforto, outros não. Além dessa questão de acesso, seria a educação a distância adequada para tratar todos os temas em todas as idades? Será possível, com a mesma efetividade, aprender a construir uma casa ou fazer uma cirurgia em aulas remotas? Para Deyvison Rodrigues Lima e Sanna Chris Nunes (2020), pensar a educação na era digital é pensar na abertura de espaços digitais, descentralizados dentro da rede, e, o mais importante, refletir sobre o quanto poderemos ser dominados por todo este aparato tecnológico.

Além das questões de acesso, é preciso considerar também a necessidade de se desenvolver (e saber operar) metodologias adequadas ao ensino a distância, em que docentes e discentes

9 Termo utilizado por Jair Messias Bolsonaro, Presidente do Brasil, referindo-se à pandemia do coronavírus em pronunciamento nacional, no dia 24 de março de 2020.

10 O Cadastro da Pessoa Física (CPF) é pessoal e serve para identificar, junto à Receita Federal do Brasil, o contribuinte.

11 O Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) é o número de registro ou a “identidade” de uma empresa no Brasil. Ele serve para comprovar sua existência e situação legal em qualquer atividade junto ao governo, clientes, parceiros e fornecedores.

12 Sobre a manifestação de empresários brasileiros, em audiência pública no Supremo Tribunal Federal, a respeito da “morte de CNPJs”, ver:

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/08/dirigente-empresarial-preve-morte-de-cnpjsghtml>

tiveram que, em um curto período de tempo, se adaptar ao “novo” modo de ensinar e aprender. Ainda que sem domínio técnico, instituições de ensino privadas (para não verem o rompimento dos seus contratos de prestação de serviços) investiram toda a sua energia na organização de aulas a distância, gerando e estimulando um certo negacionismo e rejeitando os medos e anseios dos principais atores envolvidos nesse processo, professores e alunos.

É preciso considerar também os possíveis danos (sobretudo de ordem emocional) causados pela ausência de convívio. Com o começo do distanciamento e a suspensão das aulas, professores tiveram que administrar o medo diante da pandemia, o isolamento, a falta de interação com as pessoas e o estresse com cobranças para o desenvolvimento das aulas online: gravar vídeos, tornar-se atrativo, estimular estudantes, buscando evitar que os alunos se distanciassem das instituições e evadissem.

A consequência desse exaustivo processo pode ser vista no excesso de horas trabalhadas, em que professores e estudantes permanecem diante de um equipamento, realizando e planejando atividades semipresenciais. Tais atividades acumulam com o restante das necessidades pessoais, boa parte delas causadas pelo próprio distanciamento social, como o cuidado com filhos/pais/parentes, além das atividades domésticas.

Os maiores desafios dos professores, nesse cenário de tantas incertezas e angústias, é manter-se resistente e emocionalmente saudável frente à grande carga de trabalho e emocional, causada pelo estresse, ansiedade, falta de proximidade e empatia.

Além disso, professores, alunos e pais ainda lidam com todas as dificuldades e medos relacionados à pandemia. O distanciamento dos familiares, problemas de saúde e o pânico, por eventualmente estarem nos grupos mais suscetíveis ao contágio, são algumas das preocupações que acabam assolando seu imaginário.

Em um cenário de extrema apreensão e angústia, ainda temos instituições nas quais os professores resistem, sem receber seus salários integralmente e em dia, aumentando o nível de preocupação diante da manutenção e sustento de suas famílias. Tudo isso nos leva a refletir sobre como será a retomada das atividades escolares após a pandemia. Ainda que não saibamos muito a respeito, parece ser essencial, neste processo, que possamos refletir sobre todas as mudanças que a pandemia está nos oportunizando, na busca de um mundo melhor, tal como nos instigam Castiel et al. (2016).

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Em vista do exposto, é fundamental reconhecer que a pandemia ocasionada pela Covid-19 e sua estratégia para contê-la evidenciaram as desigualdades econômicas e nossos permanentes problemas de saúde pública, que assolam nosso país desde sua mais “tenra” idade, seja como

Brasil Colônia, como República, como Ditadura Militar ou, mais recentemente, com o golpe que retirou do seu cargo a nossa primeira Presidenta mulher, eleita soberanamente pelo povo. O que vivemos aqui, trata-se, em linhas mais gerais, de um movimento político e cultural cínico, em que minorias seguem usufruindo das benesses de um país rico, mas profundamente desigual.

Estamos fartos de testemunhar jogos políticos de grupos minoritários que pensam egoisticamente em si, jogando com as palavras (sobretudo as midiáticas), omitindo os poucos dados estatísticos da nossa realidade e divulgando os existentes de maneira interessada e confusa. A má gestão dos recursos públicos e o fortalecimento do descrédito na Educação e na Ciência são estratégias para enfraquecer ainda mais os elos sociais e produzir um coletivo amorfo, composto de inúmeras partes que não se consideram partes do todo. Nem mesmo as mais de cem mil mortes parecem sensibilizar os cínicos, e, pior, ainda temos que ouvir constantemente um “e daí? Afinal, todos nós vamos morrer um dia”.

Por fim, gostaríamos de concluir esta reflexão instigando a produção de modos menos cínicos de convivência social, para que possamos criar outras lógicas de existência. Como sujeitos desse tempo, é fundamental que possamos refletir sobre as nossas práticas e que o nosso pensamento possa conduzir-nos a novas experiências coletivas que nos permitam viver e, sempre que possível, ressignificar o modo de ser consigo e com os outros.

referências

ANTUNES, Bianca Brandão de Paula et al. Progressão dos casos confirmados de COVID-19 após implantação de medidas de controle. *Rev. bras. ter. intensiva*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 213-223. 2020.

BOCCHI, Aline F. A., & DI NIZO, Patrícia Leal. Corpo e discurso médico: cinismo e ironia nas práticas discursivas contemporâneas. *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, v.7, p.1-9. 2015. Disponível: <<http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO02/PatriciaNizoeAlineBocchi.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. *Emenda Constitucional nº 95*, altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus*. 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2020.

CASTIEL, Luis D.; XAVIER, Caco & MORAES, Daniele R. *À procura de um mundo melhor: apontamentos sobre o cinismo em saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2016.

CASTIEL, Luis David. *Ensaio sobre a Pandemência*. Disponível em: <<http://observatoriomedicina.ensp.fiocruz.br/ensaio-sobre-a-pandemencia-por-luis-castiel/>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

DOWBOR, Ladislau. *Além do Coronavírus*. Le Monde Diplomatique Brasil. Brasília, 7 abr. 2020. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/alem-do-coronavirus/>>. Acesso em: 7 maio 2020.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

G1. *Bolsonaro desautoriza ministro da Saúde publicamente e volta a defender uso da cloroquina*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/13/bolsonaro-desautoriza-ministro-da-saude-publicamente-e-volta-a-defender-uso-da-cloroquina.ghtml>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

HOSSAIN, Mahbud; SULTANA, Abida., & PUROHIT, Neetu. Mental health outcomes of quarantine and isolation for infection prevention: a systematic umbrella review of the global evidence. *Epidemiology and Health*, v.42, issue e2020038, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4178/epih.e2020038>

LIMA, Danilo L. F., et al. COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1575-1586, 2020.

LIMA, Deyvison R.; NUNES, Sanna C.M. A escola, a disciplina e as novas tecnologias: aproximações foucaultianas. *Revista Lampejo*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 89-114, 2020. Disponível em: <http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-17-vol_9_n_1/5_-_A_escola,_a_disciplina_e_as_novas_tecnologias.docx.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

LIMA, Fátima Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault y Achille Mbembe. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 70, p. 20-33, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018.

NAVIA, Luis. E. *Diógenes, o cínico*. São Paulo: Odysseus. 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Brasil: teto de 20 anos para o gasto público violará direitos humanos, alerta relator da ONU*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2016/12/1571101-teto-de-20-anos-para-gasto-publico-no-brasil-viola-direitos-humanos>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

POCHMANN, Márcio. *Desigualdade econômica no Brasil*. São Paulo: Saber Livros, 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH)*. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2019/pnud-apresenta-relatorio-de-desenvolvimento-humano-2019-com-dado.html>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

QIAN, Mengcen., et al. Psychological responses, behavioral changes and public perceptions during the early phase of the COVID-19 outbreak in China: a population based cross-sectional survey. *MedRxiv* (preprint), 2020. Doi: <https://doi.org/10.1101/2020.02.18.20024448>

SASSEN, Saskia *Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra. 2016.

SEIXAS, Luis R. Necropolítica, fim do humanismo e a crise da democracia contemporânea. *Revista Lampejo*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 77-88, 2020. Disponível em: <http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-17-vol_9_n_1/4_-_Necropol%C3%ADtica.docx.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SOUZA, João H.J., et al. O distanciamento social na percepção dos brasileiros. *Rev. Encantar – Educação, cultura e Sociedade*, v.2, p.1-10, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8655>>. Acesso em: 5 ago. 2020.